

# *Benjamim Santos: um dramaturgo, diretor e crítico teatral nos palcos brasileiros*



Benjamim Santos. S./d., fotografia de Maurício Pokemon (montagem).

## *Francisco de Assis de Sousa Nascimento*

Doutor em História Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professor do Departamento de História e do Programa de Pós-graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Autor, entre outros livros, de *Teatro e modernidades: Benjamim Santos em incursão pela história e memória do teatro brasileiro*. Teresina: Edufpi, 2015. franciscoufpi@gmail.com

## Benjamim Santos: um dramaturgo, diretor e crítico teatral nos palcos brasileiros

Benjamim Santos: a playwright, director and theater critic on Brazilian stages

*Francisco de Assis de Sousa Nascimento*

### RESUMO

A trajetória artística de Benjamim Santos no teatro brasileiro é o fio condutor para entender um conjunto de situações históricas marcadas por tensões e conflitos, em meio às quais foram utilizados certos dispositivos estéticos resultantes da experiência social que integra a cultura e a memória na segunda metade do século XX. O artigo tem como objetivo dar visibilidade à produção cultural empreendida nos palcos brasileiros, a partir da constituição de uma linguagem teatral peculiar que denuncia os excessos da ditadura militar brasileira e expõe suas implicações nas formas estéticas de atuação social, a militância de Benjamim Santos e sua participação nos principais movimentos culturais e políticos do período.

**PALAVRAS-CHAVE:** História; teatro; Benjamim Santos.

### ABSTRACT

*Benjamim Santos' artistic trajectory in Brazilian theater is the guiding principle to understand a set of historical situations marked by tensions and conflicts, in the midst of which were used a number of aesthetic devices stemming from the social experience that integrates culture and memory in the second half of the 20<sup>th</sup> century. The article aims at giving visibility to cultural production stemming from Brazilian stages based on the creation of a particular theatrical language that denounces the excesses of the Brazilian military dictatorship and describes its implications for esthetic forms of social action, Benjamin Santos's activism and his participation in the main cultural and political movements of this period*

**KEYWORDS:** History; theater; Benjamin Santos.



Esta narrativa é um testemunho sobre Benjamim Santos. Sua trajetória como homem de teatro permite compreendê-lo como sujeito-propósito, ou fio condutor, por meio do qual é possível entender parte da dinâmica do movimento teatral de cidades como Recife, na década de 60 – considerada a capital cultural do Nordeste – e Rio de Janeiro, em décadas posteriores, locais nos quais viveu, escreveu e montou espetáculos teatrais. Ao lado de Hermilo Borba Filho, um dos mais respeitados teóricos da estética teatral, e Ariano Suassuna – seu professor e amigo –, Santos fez parte de uma geração de intelectuais, ameaçada na atualidade pela tirania do tempo, que pensou e produziu cultura em diferentes vertentes e perspectivas.

Dramaturgo, filósofo, jornalista, professor, poeta, diretor, encenador e crítico de teatro, Benjamim Santos projeta toda teatralidade em seu próprio corpo. Sua voz mansa e serena, gestos firmes e coordenados e uma memória privilegiadíssima revelam a sabedoria de sua história de vida.

Atuou no *Jornal do Commercio de Pernambuco*, escrevendo a coluna cultural daquele periódico. Publicou diversas críticas de teatro que posteriormente foram reunidas no livro *Conversa de camarim* (lançado pela Fundação de Cultura da Cidade de Recife), no qual analisou a cena teatral da capital pernambucana na década de 1960.

Entre todas as suas experiências, a mais destacada foi no teatro, espaço de atuação ao qual se dedicou intensamente, desde as primeiras provocações – no final dos anos de 1950, como seminarista, a pedido do padre Marcelo Cavalheira e sob os olhares experientes de Leda Alves e Hermilo Borba Filho –, até os dias de hoje. A estética teatral que Benjamim Santos adotou foi aprendida nas aulas ministradas pelo então professor de Estética do Seminário de Olinda, Ariano Suassuna.

A produção teatral de Benjamim Santos é ampla e contempla, além das peças teatrais, crônicas, contos, poesias, novelas, editoriais e pesquisa histórica. Trata-se de um sujeito-simulacro, um corpo comunicante de sentidos, um dramaturgo convicto da identidade de pertença a um lugar, alheio aos holofotes ou honrarias, mas que valoriza as cidades nas quais viveu e produziu as diversas formas de arte, as manifestações culturais e, especialmente, o seu povo. Sua contribuição no campo da cultura é diversificada, abrangente e atemporal. Por essa razão, há sérios riscos em identificá-la, analisá-la, enquadrá-la em modelos estéticos. Ainda assim, aceitamos o desafio, na expectativa de fazer justiça histórica e de não deixar nas zonas do esquecimento aquele que é digno de nossos mais efusivos aplausos em vida.

Há que se destacar que o próprio dramaturgo, experimentado pela vida e amante da sabedoria, não possui vaidade. Para Benjamim Santos, o espírito humano é translúcido e inteligível. Suas amizades vão dos pobres garis, que personificam os espéculos noturnos da higienização dos espaços noturnos, aos influentes juristas e empresários; dos analfabetos aos professores universitários, que colecionam títulos acadêmicos; dos magarefes, que transportam carnes na cabeça, aos herdeiros dos sobrenomes tradicionais das cidades metropolitanas; em suma, sujeitos que representam a diversidade de orientação sexual, de credos, de raças e de condição social. Benjamim Santos respeita e valoriza todos; os mais próximos são acolhidos com um beijo, gesto de ternura e carisma. Entretanto, não é fácil conquistar o seu afeto, pois nosso personagem escolhe com critério aqueles que convida para frequentar sua casa e o seu coração.

### **A vida como espetáculo**

Durante a fase recifense de sua trajetória, Benjamim Santos conheceu alguns dos maiores dramaturgos e artistas do Brasil de sua geração, como os já citados Ariano Suassuna e Hermilo Borba Filho, seus mestres e amigos. Pode-se pensar sua história de vida como um testemunho do direito à memória, algo a ser compartilhado por todos e a todos possibilitar a vivência dos bens culturais. A cidade de Recife, por exemplo, foi a primeira a ser privilegiada com a contribuição de Santos para a dinamização cultural; movido pela preocupação, entre outras, de incorporar à história que habitam ruelas e becos antigos.

Benjamim nasceu na cidade de Parnaíba, no estado do Piauí, em 4 de julho de 1939, filho de Neusa da Fonseca Lima e Benedito dos Santos Lima. Na infância, recebeu significativa influência artística e cultural da

<sup>1</sup>SILVA, Josenias dos Santos. Almanack da Parnahyba: política, sociedade e cultura em revista. In: SOUSA, Cleto Sandys Nascimento de e LIMA, Frederico Osanan Amorim. *Parnaíba: a cidade que nos habita*. Parnaíba: Sieart, 2014, p. 73.

estética do teatro mambembe, das encenações nas igrejas, nas escolas, em lugares diversificados, mas, também, do circo itinerante, do bumba-meu-boi, da música popular e, ainda, da produção literária dos almanaques da Parnaíba. Seu pai, Benedito dos Santos Lima, conhecido pelos amigos como Bembém, foi fundador e editor de um periódico – denominado *O Bembém* – durante as primeiras décadas do século XX. Sua contribuição para o cenário cultural parnaibano foi destacada pelo historiador Josenias dos Santos Silva.

*Um dos fatores que contribuíram para o sucesso dessa empreitada editorial de Benedito dos Santos Lima, ao lançar, aprimorar e manter a regularidade da publicação do Almanack da Parnahyba, foi justamente a existência de uma gama considerável de casas comerciais e pessoas dispostas a pagar por anúncios publicitários. É o caso, por exemplo, das empresas de navegação Rossabach Brazil, Booth & Co. Ltd., Werner Schluempmann, Lloyd Brasileiro, etc. e das famílias Clark? (inglesa) e Jacob (francesa), donos da Casa Inglesa e da Casa Marc Jacob, respectivamente; além de outro grande número de empresas nacionais que logo aderiram ao marketing publicitário do Almanack.*<sup>1</sup>

Também na infância, Santos sofreu com a paralisia infantil. As sequelas na perna resultaram, nos últimos anos, em quedas e na necessidade de cirurgias ortopédicas. Essas limitações físicas forçaram-no a permanecer cada vez mais recluso em sua residência, localizada na Avenida Getúlio Vargas, no centro de Parnaíba. Mesmo assim, Benjamim Santos não nega ajuda aos estudantes da educação básica, de graduação e de pós-graduação que o procuram em busca de informações para suas pesquisas sobre temas diversos e, especialmente, sobre história e cultura de Parnaíba.

Aos 18 anos, ele mudou-se para Recife, dando início aos seus sucessivos deslocamentos por várias cidades. Na capital de Pernambuco, estudou na famosa Faculdade de Direito – celeiro intelectual suntuoso – localizada no Centro Histórico. O curso não foi concluído, segundo nosso personagem, por falta de aptidão. Mudou-se, então, para Olinda, com o objetivo de estudar Filosofia, no Seminário Regional do Nordeste. Nesta instituição, foi aluno de Ariano Suassuna, a quem sucedeu posteriormente como professor na cadeira de Estética, por indicação do próprio mestre. No Seminário de Olinda, iniciou a carreira de diretor e dirigiu os seguintes espetáculos: *Crime na catedral*, de Eliot e *Quase ministro*, de Machado de Assis. O grande motivador de sua inserção no teatro foi o padre Marcelo Cavaleira, possivelmente após perceber que o então jovem seminarista Benjamim tinha mais vocação para a arte teatral do que para o sacerdócio.

Em Recife, Benjamim Santos fez parte de importantes grupos e movimentos culturais no final dos anos de 1950 e começo da década de 1960, inserindo-se no grupo denominado por alguns estudiosos da dramaturgia como “Geração de 65” e envolvendo-se intensamente com o processo de modernização do teatro nordestino. Em depoimento concedido a Diego Mendes Sousa, em 2012, o dramaturgo afirmou que

*O ano de 1965 entrou com uma espécie de salvo-conduto para a renovação da cultura do Recife. Depois do baque frontal de 1964, o novo ano deu um giro restaurador em todos os aspectos do fazer-arte no grande Recife. A poesia, embora ainda contida pela morte de Carlos Pena Filho e se satisfazendo com o que João Cabral e Joaquim Cardoso escreviam longe, foi, de súbito, reflorada pelo primeiro livro de Deborah*



*Brennand (que ninguém imaginava poetisa) e por um grupo de poetas que se tornou conhecido como Geração 65. Eram Alberto da Cunha Melo, Marcus Accioly, Jaci Bezerra, Janice Japiassu... Quase todos de Jaboatão, mas foi no Recife que se firmaram como poetas. Conheci todos eles e, por época, eu tinha já poemas escritos, que até encadernei em forma de livro que ainda guardo comigo. Se eu tivesse preferido a poesia, por certo estaria incluído naquela "geração", mas preferi o teatro e, em junho de 65, estreei meu primeiro espetáculo, Cantochão. Agora, completados cinquenta anos daqueles primeiros poemas, escolhi alguns para marcarem a data e meu início poético. Aqui vai uma série daqueles que tratam da minha viagem de carro de Natal a Caicó, me escondendo dos militares do Recife. Foi numa manhã de sábado e a região do Seridó marcou para sempre em mim seu ferro ensolarado.<sup>2</sup>*

Após ter criado o grupo *Construção*, Santos dirigiu o espetáculo *Cantochão*, exemplo de teatro engajado que problematizava os conflitos sociais, as disputas de poder, a tomada de consciência da realidade por meio do teatro e da interação dialógica. A proposta dramática assemelhou-se à do *show Opinião* que foi montado na cidade do Rio de Janeiro, com participação de Nara Leão, Zé Keti e João do Vale.

Vale ressaltar que as instituições de ensino superior (laicas e eclesiais) frequentadas por Benjamim em Pernambuco eram, na primeira metade do século XX, grandes centros formadores da intelectualidade do Nordeste e *locus* de distinção social das classes abastadas do estado do Piauí e das famílias ilustres de Parnaíba. O desejo de ter um filho "doutor" e outro sacerdote era recorrente nas predileções familiares. No caso de Benjamim, a escolha foi sua e nenhuma das opções o seduziu. Preferiu fazer teatro, jornalismo e literatura. Tornou-se um dramaturgo fortemente influenciado pela estética do teatro nordestino sem perder os vínculos afetivos com Parnaíba, a cidade que continuou a inspirar sua produção dramática. Essa relação com suas origens pode ser notada na carta enviada a Tarciso Prado, seu amigo de infância, que residia em Parnaíba:

*Assim é que tenho vivido, meu amigo. Meio só. Acabrunhado, às vezes. Tentando fazer uma literatura que se torna cada dia mais difícil, principalmente agora, que "ficou chato ser moderno", agora que parece difícil ser simples, emotivo, e talvez nem haja mais lugar para a sensibilidade. Bem, tenho escrito alguns contos e uns poemas, além de uma peça (1 ato) que já está pronta, que trata sobre que(sic) questões de armamento nuclear (uma bomba atômica cai em Parnaíba e, não explodindo, deixa no povo a esperança de tornar-se assim mais uma das grandes potências nucleares do mundo). Veja você...<sup>3</sup>*

Em Recife, Benjamim tornou-se profissional do teatro e desenvolveu uma subjetividade arrojada, inquietante, sensível, mas também transformadora e engajada nas questões sociais. Nessa perspectiva, colaborou com o Projeto de Educação de Jovens e Adultos, idealizado pelo professor Paulo Freire, atuando no Departamento de Extensão Cultural da Universidade de Pernambuco antes da deflagração do golpe civil-militar de 1964. Com a ditadura, o idealizador da pedagogia da libertação e da pedagogia do oprimido foi exilado e, para escapar dos militares, Benjamim mudou-se para o Rio de Janeiro, logo após o Ato Institucional n. 5 em 1968.

Ainda em Pernambuco, Benjamim Santos montou diversos espetáculos teatrais e *shows* musicais, atuou no Teatro Popular do Nordeste (TPN), auxiliou o consagrado teórico do teatro, Hermilo Borba Filho, e conviveu

<sup>2</sup> SANTOS, Benjamim. Depoimento concedido a Diego Mendes Sousa, em Parnaíba/PI, em 2012.

<sup>3</sup> SANTOS, Benjamim *apud* CAVALCANTE JUNIOR, Idelmar Gomes. A besta confusa: Benjamim Santos e a história de uma ousadia não realizada no teatro pernambucano. *Anais do VII Simpósio Nacional de História Cultural*, 2015, p. 2. Disponível em <<http://gthistoriacultural.com.br/VIIsimposio/Anais/Idelmar%20Gomes%20Cavalcante%20Junior.pdf>>. Acesso em 22 nov. 2016.

<sup>4</sup>VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994, p. 17.

<sup>5</sup>SANTOS, Benjamim. *Conversa de camarim: o teatro no Recife na década de 1960*. Recife: Fundação Casa de Cultura do Recife, 2002.

<sup>6</sup>Idem, *Auto de Santo Antônio*. São Paulo: Paulinas, 1998.

<sup>7</sup>Idem, *Sedução de Paris: caminhos para quem ama a cidade-luz*. Rio de Janeiro: Gryphus, 1998.

<sup>8</sup>Idem, *Paixão de Cristo: montada nos Arcos da Lapa no Rio de Janeiro*. São Paulo: Paulinas, 1999.

<sup>9</sup>Idem, *Hemingway e Paris: um caso de amor*. Rio de Janeiro: Gryphus, 1999.

com vários atores pernambucanos (entre eles, Leda Alves, esposa de Hermilo). Vale ressaltar que as principais influências teatrais de Benjamim Santos foram a proposta de encenação elaborada por Hermilo Borba Filho e a dramaturgia de Ariano Suassuna. Santos se engajou, enfim, no projeto de afirmação de um teatro nacional que tinha o Nordeste como enfoque central. Participou, assim, de uma experiência de geração, na qual os sujeitos sociais, de acordo com o antropólogo Gilberto Velho, “transitam entre os domínios do trabalho, do lazer, do sagrado etc., com passagens, às vezes, quase imperceptíveis. Estão na intersecção de diferentes mundos [...], em função de um código relevante para suas experiências”.<sup>4</sup>

Como assistente de direção de Hermilo Borba Filho, Santos ajudou a montar os espetáculos *O inspetor geral*, de Gogol; *Um inimigo do povo*, de Ibsen; e *o Santo inquérito*, de Dias Gomes. Logo em seguida, dirigiu dois espetáculos: *Antígona*, de Sófocles, traduzida por seu amigo Ariano Suassuna, e *Andorra*, de Max Frish. Na fase recifense de sua trajetória, dirigiu ainda *shows* de música popular de cantores de Recife, com destaque para Paroli, Paroliado, Zélia Barbosa e Carlos Reis.

Na década de 1960, Benjamim Santos assinou as críticas de teatro na coluna cultural do *Jornal do Comércio de Pernambuco*. Por meio delas, é possível cartografar as montagens teatrais de Recife, as peças com seus cenários, autores, atores e atrizes, as representações e até mesmo uma certa estética da recepção. Em meio a isso, ele analisou os espetáculos montados nas principais casas de espetáculo da cidade (Teatro de Santa Isabel, Teatro do Derby, Teatro Apolo, Teatro Rio Mar, entre outros) e conheceu os principais artistas, dramaturgos, atores, diretores, encenadores, cenotécnicos, figurinistas que protagonizaram a cena cultural recifense. O período em que esteve atuante na crítica teatral foi fértil e lhe rendeu um considerável aprendizado.

Como saldo de sua obra, seus principais textos foram reunidos em um livro intitulado *Conversa de camarim*<sup>5</sup>, que, ao lado, entre outros, de *Auto de Santo Antônio*<sup>6</sup>, *Sedução de Paris*<sup>7</sup>, *Paixão de Cristo*<sup>8</sup>, *Hemingway e Paris*<sup>9</sup>, compõe o que poderia ser chamado de produção literária de Santos. Registre-se que Benjamim possui igualmente textos inéditos sobre a história do teatro infantil brasileiro e diversos espetáculos, romances, todos eles escritos com a habilidade e clareza que o caracterizam. Afinal, para ele é necessário contemplar o entendimento dos leigos e doutores no ofício das letras.

## A renovação do teatro infantil

Na década de 1970, no Rio de Janeiro, Benjamim Santos projetou-se no cenário teatral nacional. O reconhecimento ao seu trabalho veio através da conquista de alguns dos prêmios mais significativos da época. Dirigiu, além do mais, artistas como Elba Ramalho, Zélia Barbosa, Verônica Sabino, Kleiton e Kledir, Ângela Maria, Nara Leão, MPB-4, Grande Otelo, João Bosco, Marlene, Elke Maravilha, Stepan Necessian, Ademilde Fonseca, Carmem Costa, Conjunto Coisas Nossas, Dominguinhas, Francis Hime, Henrique Cazes, Márcia Cabral, Maria Lúcia Godoy, Miltinho, Miúcha, Olívia Hime, Roupas Nova, Tânia Alves, Wanderley Cardoso, Geraldo Azevedo, Cristina Buarque, dentre tantos outros. Merece destaque o papel desempenhado por ele como um dos responsáveis pela renovação do teatro infantil, até então, dominado pelas peças de Maria Clara Machado. Durante duas décadas foi protagonista desse movimento renovador, ao

lado de figuras expressivas como Sylvia Ortof, Ylo Krugli, Maria Lourdes Martini, Bia Bedan e Maria Lúcia Lacerda.

Sua produção dramaturgica teve uma recepção bastante favorável, sobretudo da consagrada escritora e crítica de teatro Ana Maria Machado, incentivadora do movimento de modernização do teatro infantil brasileiro, e com quem, posteriormente, Santos estreitaria laços de amizade. É desta autora a afirmação de que “Benjamim era o Ariano Suassuna do teatro infantil”. Mesmo fora das rodas sociais e do circuito cultural do Rio de Janeiro, ainda hoje Benjamim Santos é lembrado com admiração, pela qualidade de seus textos e pelo profissionalismo que marcaram seu trabalho.

A obra dramaturgica de Benjamim, como já mencionado, foi bastante premiada. Entre suas peças mais relevantes, destacam-se: *Senhor rei*, *Senhora rainha*; *Os três mosquiteiros*; *Viagem sideral*; *O castelo das sete torres*; *A loja das maravilhas naturais*; *A donzela foi à guerra*; *O pavão misterioso*; *O príncês do Piauí*; *A princesa do mar sem fim*. A respeito deste último espetáculo, diz Ana Maria Machado:

*Poucos espetáculos para crianças têm a carga de brasilidade que apresenta a Princesa do mar sem-fim. O texto se inspira na poesia popular dos folhetos de cordel nordestinos e tem a marca de boa qualidade que caracteriza toda a obra escrita de Benjamim Santos, assinalada pela poesia e pelo indiscutível domínio das ferramentas verbais. Cenicamente, esta é a montagem que há anos Benjamim devia ao público, sempre tendo que se contentar com uma produção bem inferior ao texto. Agora as coisas mudaram. Marcações criativas, música ao vivo de nível, elenco seguro se somam à riqueza da palavra e à intensa beleza visual das máscaras de Marie Louise Nery e do cenário de figurinos de Kalma Murtinho para criar um delicioso momento teatral. Com sabor de Nordeste e cheiro de povo. Com acabamento artesanal, no melhor sentido do termo. Com inventiva e respeito à criação popular. Com ingenuidade e engenho. Sobretudo, com talento e respeito pela criança e pela cultura brasileira. Um espetáculo a ser visto com carinho.<sup>10</sup>*

## A cidade como espaço cênico

Parnaíba, Recife, Rio de Janeiro são cidades que constituem os cenários teatrais representados na imensa texturologia de Benjamim Santos, cidades-simulacros das experiências sociais; dos diversos dramas humanos; dos conflitos e das querelas; das memórias e dos esquecimentos. Elas indicam, desse modo, formas de linguagem, numa relação dialógica, pois o observador também interage, intervindo no espaço e construindo sensações como uma maneira de sentir os objetos – com suas formas, seus significados e seus efeitos internos – e as percepções elaboradas e gerenciadas conscientemente.

As cidades, na obra do dramaturgo Benjamim Santos são essenciais, pois oferecem possibilidades para entendimento das subjetividades, das sensibilidades, das flanâncias do artista, dos lugares que frequentou, das pessoas com as quais conviveu, das influências estéticas que recebeu, das manifestações políticas vividas, dos acontecimentos que singularizaram cada encontro ou partida. Enfim, as cidades sinalizam as práticas, representações e apropriações.<sup>11</sup> Nas décadas de 1980 e 1990, ainda no Rio de Janeiro, o dramaturgo elaborou diversas peças teatrais, montadas ao ar livre, nos Arcos da Lapa, no Largo da Carioca, na Cinelândia, na Praia de Copacabana e em vários outros pontos da cidade: São elas: *Paixão de Cristo*;

<sup>10</sup> MACHADO, Ana Maria. Novidades muito boas. *Jornal do Brasil*, Caderno de Teatro, Rio de Janeiro, 1978, p. 7.

<sup>11</sup> Sobre práticas, representações e apropriações, ver CHAR-TIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro-Lisboa: Bertrand Brasil/Difel, 1990.



*Auto de São Sebastião; Auto de Corpus Christi; Auto de Natal; Revista Proclamação da República; Auto do Frei Galvão; Auto de São Francisco; Sonata de Santa Cecília; Domingo de Ramos; A Revolução Francesa; Romance de São Jorge.* Pelo conjunto da obra, de significativa conotação religiosa, Benjamim Santos fez jus ao Prêmio Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, entregue pelo representante da Arquidiocese do Rio e Janeiro.

Na década de 1990, Benjamim Santos se apaixonou por outra cidade, com seus grandes escritores, seus heróis e heroínas – a exemplo de Joana Darc – que o inspiraram a realizar uma extraordinária análise da cidade por ele intitulada *Sedução de Paris*. O lançamento desse livro aconteceu no Centro Cultural de Ipanema, com prefácio de um representante do consulado francês, Romaric Sulger Büel, que, juntamente com sua família, esteve na cerimônia de lançamento.

Paris foi, sem dúvida, sua nova grande paixão. A cidade de histórias fascinantes, de elegantes edificações, de museus, de palácios e de avenidas, pelas quais passaram exércitos gloriosos e combalidos soldados derrotados que testemunharam as glórias napoleônicas e a invasão dos nazistas. Enfim, a cidade de movimentos artísticos de vanguarda, de universidades famosas, de personagens e de ensinamentos, de cosmopolitismo e de tradição, características que despertaram em Benjamim Santos profunda identificação.

Nos anos 2000, Benjamim regressou à cidade de Parnaíba, sua cidade natal, após quase 30 anos. Logo em seu retorno, conheceu os jovens e veteranos atores da cidade que compunham os grupos de teatro como Metáfora, Grupo Teco do Colégio Objetivo, Grupo Garatuja, J. W. Produções, Cia Vector de Espetáculos, Trupe Skene, TACS, PES (Perseverantes do Espírito Santo). Muitos destes atores eram amadores e tiveram a iniciação do teatro nas escolas ou por intermédio do Serviço Social do Comércio (Sesc), que mantém um setor de expressões artísticas responsável pela elaboração de projetos a serem financiados pela coordenação nacional de teatro da entidade, com o objetivo de proporcionar a montagem de espetáculos, oficinas, palestras e cursos de formação de atores, nas capitais e principais cidades dos estados brasileiros.

De volta à Parnaíba, Benjamim Santos manteve-se bastante ativo: foi criador e curador do Museu do Trem do Piauí, na Parnaíba, em 2002, e da exposição “Viva meu Boi de São João”, no Sesc Avenida, em 2007; foi homenageado pela Prefeitura Municipal de Teresina, através da Fundação Monsenhor Chaves, que deu seu nome ao Concurso Nacional de Monólogos de 2005 (Prêmio Benjamim Santos); montou a “Exposição Benjamim Santos – 40 anos de teatro Profissional”, na Casa da Cultura de Teresina, organizada pela Fundação Monsenhor Chaves, entre 5 e 10 de julho de 2005.

Além disso, o dramaturgo envolveu-se profundamente com a cultura popular, colaborando na realização de folguedos juninos e de festas de carnaval na avenida, ajudando na realização de concursos, coordenando reuniões com os mestres da cultura popular e outras atividades mais. Também por sua iniciativa, foi criada uma liga de bois e uma associação de quadrilhas juninas, com regimento próprio e razão social, com o objetivo de captar de recursos de editais públicos e patrocínios privados.

Atendendo ao convite do médico Paulo Eudes Carneiro, então prefeito da cidade (2001-2004), Santos trabalhou como assessor técnico da Secretaria de Cultura de Parnaíba, tendo, inclusive, assumido a pasta por alguns meses. Nesse período, idealizou o Projeto Tenda Rock, que congregou as bandas novas e veteranas de *rock*. Apresentaram-se bandas locais, regionais

e nacionais, além de músicos e cantores que seguiram carreira solo. Foi um período profícuo para a cena musical da cidade. Houve grande divulgação das bandas e artistas locais, estímulo a organização de grupos musicais nas escolas, realização de festivais de música, encontro de bandas etc.

Nesses anos, contudo, talvez a contribuição mais importante de Benjamim Santos tenha sido, a idealização, criação e curadoria do Museu do Trem de Parnaíba, inaugurado em 2002, numa antiga edificação que pertenceu à Estrada de Ferro do Piauí, e dotado de um amplo acervo. Integra tal acervo uma grande quantidade de fotografias, objetos de memória, aparelhos telefônicos, capacetes, roupas, sinos, taquígrafos, faróis, relógios de parede e outros objetos que são encontrados nas dependências do museu. Segundo a historiadora Leda Rodrigues Vieira,

*No acervo material deste museu, podemos encontrar um aparato completo que auxiliava os operários e passageiros da ferrovia como uma estação de passageiros, pátio de manobra, inspetoria de transportes e comunicação, arquivo, almoxarifado, posto médico, tipografia e uma oficina de manutenção das linhas férreas, da locomotiva, dos vagões, locomóveis, gôndolas, trollers, etc. Além de fotografias que retratam a história da ferrovia (do primeiro engenheiro, Miguel Furtado Bacelar, das antigas locomotivas, de operários, do universo do trabalho, etc.) e equipamentos de apoio da estação e dos funcionários (relógios, cadeiras de passageiros, telefones, carimbos, alicates perfuradores de passagens, carregador de bateria, relógio de pressão, tacógrafo de locomotiva, máquinas de calcular, dentre outros).<sup>12</sup>*

Benjamim Santos foi também o organizador e curador do Jardim dos Poetas, edificado no centro histórico de Parnaíba, no local onde funcionou o antigo terminal de ônibus. Nele, destaca-se uma mureta central em forma de onda, onde consta uma frase do poeta parnaibano Alcenor Candeira: “Parnaíba não é uma palavra fluvial a martelar-me a memória, é uma cidade inteira dentro de mim”. Há, ainda, o histórico dos principais poetas que viveram na cidade, seus dados biográficos, fragmentos de poesias e a identificação das escolas literárias às quais estavam inseridos. Tudo grafado em placas metálicas, localizadas em pilastras, sombreadas por ipês de diferentes cores. Infelizmente, o Jardim dos Poetas foi esquecido pelo poder público municipal, como resultado de disputas políticas pela sucessão do Executivo local, pródigas em aniquilar a memória dos antecessores, algo tristemente muito comum no Brasil republicano.

A sensibilidade artística de Benjamim Santos vai além das edificações, dos marcos históricos da memória e atinge zonas profundas da sensibilidade humana. Sua vida e sua arte são testemunhos da capacidade de superação do espírito humano, da mudança pela arte, dos laços afetivos que podem unir pessoas e projetos e contribuir para transformar sonhos em realidades.

### Agitos culturais

Em 2006, vários textos de Benjamim Santos foram encenados pelos grupos da cidade e o dramaturgo foi homenageado em um festival em Teresina e no “Projeto do Sesc Palco Giratório: leituras em cena”. Sobre os objetivos do projeto e sua relevância, Maron Emile Abi-Abibb, diretor geral do departamento nacional do Sesc, esclarece que

<sup>12</sup> VIEIRA, Leda Rodrigues. Cidade ferroviária: história e memória da ferrovia piauiense na cidade de Parnaíba, 1916 a 1930. *Anais do XXV Simpósio Nacional de História da ANPUH*, Fortaleza, CD ROM, 2009, p. 236.

<sup>13</sup> ABI-ABIDD, Maron Emile. *Palco giratório: circuito nacional do Sesc*. Rio de Janeiro: Departamento Nacional, 2013, p. 1.

<sup>14</sup> SOUSA, Diego Mendes. Depoimento concedido ao autor, em Parnaíba/PI, em abril de 2013, pelo aniversário do *Bembém*.

*No âmbito da cultura o Sesc apoiou projetos capazes de contribuir com o enriquecimento intelectual dos indivíduos, dotando-os de consciência mais ampla a respeito de seu papel no mundo, independentemente de suas condições de origem e formação. Circulando por várias cidades, nas capitais e no interior, o projeto promovendo acesso a espetáculos de qualidade, em diferentes gêneros: dança, teatro e circo. Além disso, colabora para a divulgação do trabalho de profissionais provenientes de todo o país e gera emprego para os inúmeros trabalhadores que atuam no circuito.*<sup>13</sup>

Naquele ano, por iniciativa do setor de expressões artísticas do Sesc Piauí, alguns textos da produção teatral infantil de Benjamim foram escolhidos para leituras encenadas nas cidades de Parnaíba, Teresina e Floriano. Nós participamos dessa iniciativa ao lado de Djalma Türler, professor da Universidade Federal da Bahia. Analisamos, então, algumas de suas peças infantis e ministramos oficinas e palestras aos atores, professores e estudantes, tendo como enfoque principal a cartografia de Benjamim Santos, a dramaturgia e a montagem das leituras encenadas.

O dramaturgo manteve também, durante algum tempo, um *blog*, ora desativado. Mas sua atividade como escritor/jornalista se conservou bastante ativa. Ele passou a publicar mensalmente o jornal cultural *O Bembém* – periódico que enfoca aspectos culturais, (cinema, teatro, literatura, música), além de abordar diferentes problemas da cidade de Parnaíba, como os relativos ao patrimônio cultural, às políticas culturais além de denunciar práticas de destruição e de abandono dos espaços públicos e chamar a atenção das autoridades para o investimento na educação patrimonial como forma de conviver com as temporalidades históricas da cidade. Para o poeta Diego Mendes Sousa, ele próprio um dos seus idealizadores do jornal, “*O Bembém* deu alma nova ao Piauí literário. Partindo do princípio da universalidade de uma complexidade particular, *O Bembém* é um periódico mensal que canta a sua origem simbólica sem deixar de ser autêntico em seu projeto arrojado de literatura de amplitude mundial”.<sup>14</sup>

No mesmo periódico, em uma coluna denominada “Memorial”, Santos apresenta diferentes espaços da cidade, como praças, igrejas, escolas, mercados, com o claro objetivo de divulgação de sua história, dos homens e mulheres que nela viveram e vivem. Sua iniciativa recebeu colaboração de estudantes e pesquisadores, como Iweltman Mendes Vasconcelos, que Santos lamenta que tenha sido esquecido pela cidade. Também escrevem periodicamente para *O Bembém*, entre outros, Idelmar Cavalcante, professor da Universidade Estadual do Piauí (Uespi), com suas saliências bem escritas e eivadas de vitalidade poética, Frederico Osanan, professor da Universidade Federal do Piauí, e Josenias Silva, professor da Faculdade Internacional do Delta.

Como tributo a Benjamim Santos, sua terra natal criou um memorial com seu nome, instalado no Sesc da Avenida Getúlio Vargas, e que reúne peças de teatro, críticas, prêmios, troféus, cartazes, documentários, entrevistas, fotos, discos, cartas, poemas, livros de memória, entrevistas concedidas ao longo da vida e a coleção d’*O Bembém*. A leitura de suas obras e a visualização de seu acervo imagético e literário possibilitarão, no futuro, um maior aprofundamento da sua relação com o teatro de Parnaíba.

Como homem, memória e sujeito-propósito de muitas pesquisas, Benjamim Santos tornou-se um meio pelo qual podemos entender diferentes processos históricos ocorridos em Parnaíba, no Nordeste e no Brasil de um modo geral. Por tudo isso, já foi objeto de tese de pesquisadores da

ciência histórica, como se constata nos trabalhos realizados por Francisco Nascimento<sup>15</sup> e Idelmar Gomes Cavalcante Junior.<sup>16</sup>

Paralelamente, a produção de Benjamim Santos não cessa. Entre suas criações mais recentes, destaca-se *Berra boi*, com roteiro e direção dele mesmo, que estreou no Teatro do Sesc da Presidente Getúlio Vargas de Parnaíba este ano. O espetáculo retrata a história do bumba-meu-boi como elemento cultural das tradições populares e envereda pelo povoamento do Piauí, que coloca frente a frente a contribuição dos escravos africanos e dos índios Tremembé nativos e a ação de seus exterminadores: os brancos fazendeiros.

Para concluir, saliente-se que uma das maiores declarações de amor de Benjamim pela cidade é a peça *Parnaíba, ailoviú*, escrita e dirigida por ele próprio e com atuações, dignas dos melhores elogios, dos atores Marcus Petrarca e Verônica Damasceno. Trata-se de uma narrativa que entrecruza as danças do bumba-meu-boi e fatos históricos e ficcionais, dando vida e voz a personagens, como Simplício Dias da Silva, sua esposa – e a viagem homérica para levá-la de Portugal a Parnaíba –, os heróis parnaibanos que proclamaram a Independência do Brasil no Piauí.

*Parnaíba ailoviú* é representada nos palcos a história gloriosa de Parnaíba e também a dos “vencidos”; seus vultos exaltados e seus sujeitos esquecidos, aqueles cujos corpos inertes repousam nas frias lápides de mármore da catedral da Graça e que são levados em caixões de madeira – que posteriormente retornavam à Igreja do Rosário dos Pretos – para serem jogados numa vala coletiva. Enfim, o espetáculo trata dos heróis e de suas façanhas, mas, igualmente, das figuras marginais, como as escravas, atiradas em covas de onças para entretenimento, alimentando as lendas sobre a cidade. Tais personagens são apresentados pelo viés da cultura e indicam que, mesmo que o enredo componha uma história considerada tradicional, ele pode ser recheado de subjetividades, de sentimentos, de sensibilidades, de emoção, de amor, em suma, de arte.

*Artigo recebido em março de 2017. Aprovado em junho de 2017.*

<sup>15</sup> NASCIMENTO, Francisco de Assis de Sousa. *Teatro dialógico: Benjamim Santos em incursão pela história e memória do teatro brasileiro*. Tese (Doutorado em História) – UFF, Niterói, 2009.

<sup>16</sup> CAVALCANTE JUNIOR, Idelmar Gomes. *Inventário de uma memória consagrada: Benjamim Santos nos interstícios do teatro pernambucano (1960-1970)*. Tese (Doutorado em História) – UFC, Fortaleza, 2017.